



## Ciência e religião no espaço de vida de pós-graduandos(as) em Ciência(s) da(s) Religião(ões)\*

### *Science and religion in the life space of study of religion/religious studies graduate students in Brazil*

Fatima Regina Machado\*\*

**Resumo:** O artigo apresenta dois estudos complementares cujo objetivo era conhecer a visão pessoal que pós-graduandos(as) em Ciência(s) da(s) Religião(ões) têm de ciência e religião, da relação entre ambas, e se/como esta visão pessoal se relaciona com sua busca pelo programa e com sua pesquisa acadêmica. No Estudo 1 (quantitativo), 127 alunos(as) de 12 programas afiliados à ANPTECRE responderam um questionário on-line que incluía, dentre as questões, a Escala de Crença na Ciência e a Escala de Centralidade da Religiosidade. No Estudo 2 (qualitativo), 20 participantes foram selecionados aleatoriamente dentre os que se dispuseram a conceder uma entrevista semidirigida para aprofundar as questões tratadas no Estudo 1. Em síntese, de modo geral, verificou-se: tendência a baixa crença na ciência e a alta crença na religiosidade; tendência ao ingresso no programa de modo fortuito, com mais interesse pela religião do que pela ciência; perspectiva atual de ciência e de religião fortemente influenciados pelo histórico pessoal; ciência (estudo) encarada como meio de melhorar as condições de vida; “solidão acadêmica” por falta de oportunidade de discutir seu projeto de pesquisa e as relações entre ciência e religião levando em conta âmbitos pessoais; conflitos familiares por divergências de concepções religiosas e científicas. Concluiu-se que o conflito entre ciência e religião se faz presente mais em nível emocional do que cognitivo. Ficou evidente uma tensão entre perspectivas pessoais e o que é considerado academicamente aceitável, ainda que haja deliberada negação desse conflito. Isso influencia a construção dos projetos e as expectativas quanto à repercussão das teses e dissertações elaboradas.

**Palavras-chave:** Ciência vs. religião. Religiosidade. Crença na ciência. Espaço de vida. Campo psicológico. Atitudes. Ciência da religião.

**Abstract:** This article presents two complementary studies that aimed to check the personal view of Religious Studies graduate students about science, religion, the relation between both of them, and whether/how their personal views are connected with the search for the graduate program and with their academic research project. In Study 1 (quantitative), 127 students from 12 programs affiliated to ANPTECRE answered an online questionnaire that included the Belief in Science Scale and the Centrality of Religiosity Scale. In Study 2 (qualitative), 20 participants were randomly selected from those who were willing to provide a semi-structured interview to deepen the issues addressed in Study 1. General findings: tendency toward low scoring in belief in science and high religiosity; fortuitous access to the graduate program, guided more by the interest in religion than in science; current view of science and religion strongly influenced by personal history; science (study) seen as means of improving living conditions; “academic solitude” due to the lack of opportunities of discussing their research project and the relations between science and religion considering personal perspectives; family conflicts due to divergences of religious and scientific conceptions. Conclusion: conflict between science and religion is present more in an emotional rather than a cognitive level. Tension between personal perspectives and what is considered academically acceptable is evident, even though there is a deliberate denial of that conflict. Those aspects influence research projects and the expectations regarding repercussions of the master theses and doctoral dissertations elaborated.

---

\* Agradecimentos: CAPES pela bolsa PNPd, e aos professores Wellington Zangari (USP) e Everton de Oliveira Maraldi (PUC-SP) pelo fundamental auxílio na realização das análises estatísticas..

\*\* Doutora em Psicologia (USP). Co-coordenadora do Inter Psi: Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais (USP). Pesquisadora e membro do Laboratório de Psicologia Social da Religião (USP). ORCID: 0000-0001-5754-4381 - contato: [fatimaregina@usp.br](mailto:fatimaregina@usp.br).

**Keywords:** Science vs. religion. Religiosity. Belief in science. Life space. Psychological field. Attitudes. Religious studies.

## Introdução

O aniversário de 40 anos do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CRE-PUCSP) é motivo de júbilo e de indagações. Júbilo porque a trajetória do programa o evidencia como um marco referencial da área no Brasil, dada a consolidação de suas linhas de pesquisa e de sua destacada reflexão e diferenciação epistemológicas. Indagações porque, ao olhar para essa trajetória e para suas marcas refletidas na produção intelectual que a sustenta e que dela se originou, pode-se aferir o conhecimento construído, mas muito pouco se pode dizer de seus/suas alunos(as) enquanto agentes construtores deste conhecimento. Por que determinados temas, objetos de estudo e perspectivas são eleitos por esses agentes para suas pesquisas? Que pensam eles acerca da *ciência* e da *religião*? Que aspectos subjetivos subjazem às escolhas feitas e às interpretações de dados realizadas? Anseios, objetivos, agendas religiosas ou científicas... o que move quem movimenta essa área? Ou, ainda: como e por que optaram pelo ingresso nesse campo de estudo? Tais indagações são pertinentes ao CRE/PUC-SP, mas extrapolam seus contornos e se estendem a todo o universo de programas de pós-graduação na área espalhados pelo Brasil. Reconhecer esse agente do conhecimento parece fundamental para pensar a oferta de possibilidades de estudo e as formas de abordagem adotadas pelos programas de pós-graduação. Isso significa considerar o ser humano ali envolvido não apenas como objeto de investigação em seu comportamento/pensamento religioso, mas também no papel de protagonista dessa área de estudo que, em última instância, acaba por ser peça chave na definição dos rumos das produções na área.

Visando responder questões desse tipo, uma pesquisa foi levada a cabo em estágio pós-doutoral realizado no CRE/PUC-SP entre 2014 e 2017. Tal pesquisa coloca em evidência pós-graduandos(as) da área, buscando conhecê-los(as) em seus anseios e pontos de vista pessoais acerca do mundo acadêmico, da *ciência* e da *religião*, evidenciando seu status de agente/receptor(a) do saber nesse campo de estudo. Este artigo apresenta essa pesquisa que, embora sediada no CRE/PUC-SP, estendeu-se aos diversos programas de pós-graduação da área no país, a partir de um olhar aberto ao campo de relações e de construção de conhecimento nessa área de estudo, do qual do CRE/PUC-SP faz parte e ajuda a construir.

## Motivações, concepção e embasamento teórico da pesquisa

Foram três as motivações para a realização da pesquisa apresentada neste artigo, sendo uma de cunho mais geral e duas outras mais especificamente voltadas ao cenário da pós-graduação em Ciência da Religião. A motivação mais recente advém da inquietação provocada pelo fato de haver poucos estudos empíricos brasileiros referentes ao modo como é vista/percebida a relação entre ciência e religião, apesar de haver um

histórico de discussões e estudos sociológicos, psicológicos e epistemológicos acerca da percepção que cientistas têm da religião e de sua relação ou contraposição à ciência (e.g. Leuba, 1916; Struening e Spilka, 1952 apud Paiva, 2000; Lehman e Shriver, 1968; Paiva, 1993; Larson e Witham, 1997, 1998, 1999; Ecklund e Park, 2009, 2011; Ecklund, 2010; Ecklund e Lee, 2011; Cruz, 2014; Ecklund e Schidle, 2018). A escassez de estudos brasileiros que enfoquem essa temática foi apontada no VII Congresso Latino-Americano sobre Ciência e Religião, no Rio de Janeiro em 2012, e reafirmada em 2013, no evento de encerramento do projeto Ciência e Religião na América Latina: Desafios e Oportunidades realizado no *Harris Manchester College*, de Oxford. Um certo clamor por mais pesquisas brasileiras e o meu envolvimento pessoal com o estudos das percepções da relação entre ciência e religião realizado no âmbito de Laboratório de Psicologia Social da Religião na Universidade de São Paulo foram um convite para aprofundar o estudo dessa temática.

Uma motivação mais antiga veio de muito antes, da curiosidade despertada quando da realização do meu mestrado no CRE/PUC-SP em meados da década de 1990: chamou minha atenção o fato de muitos(as) pós-graduandos(as) do programa serem “religiosos(as) profissionais” (cf. termos utilizados por Paiva, 2000) e quase todos(as) – mesmo aqueles que não eram devotados à vida sacerdotal ou clerical – professar algum tipo de fé religiosa.

A partir dessa observação informal, pareceu interessante investigar o que motivaria alguém a optar por um programa de pós-graduação em Ciência da Religião, considerando especialmente a possível relação entre questionamentos ou necessidades pessoais e/ou de seu grupo de pertença religiosa e os projetos de pesquisas elaborados e desenvolvidos. Mesmo no caso daqueles(as) que porventura buscam o programa, mas não professam religião específica ou sejam a-religiosos(as), há, necessariamente, que se reconhecer nesta postura um comportamento religioso, pois nela subjaz uma atitude frente à religião (Vergote, 1967), o que pode se expressar em sua produção acadêmica. A investigação desses aspectos poderia esclarecer os usos e sentidos que se faz/tem da ciência quando relacionada de algum modo à religião e que repercutem tanto no âmbito acadêmico quanto no social.

A terceira motivação coloca-se na confluência entre a primeira e a segunda: pós-graduandos(as) em Ciência da Religião configuram uma população privilegiada para a condução de um estudo empírico da percepção e estabelecimento das relações entre *ciência e religião*, pois, inevitavelmente, se veem confrontados com ambas em seus estudos, nos seus possíveis diálogos e/ou antagonismos.

A partir dessas motivações, nasceu o projeto *Ciência e Religião no Espaço de Vida de Pós-Graduandos(as) em Ciência(s) da(s) Religião(ões)*, inspirado em termos teóricos e, em certa medida, metodológicos, no estudo da religião no espaço de vida de cientistas da Universidade de São Paulo realizado pelo Prof. Geraldo José de Paiva para sua titulação em Livre-Docência em 1993.

O conceito de *espaço de vida* foi desenvolvido por Kurt Lewin (1890-1947), psicólogo alemão radicado nos EUA, a partir de sua Teoria de Campo (Lewin, 1965, 1973). Trata-se de uma teoria fenomenológica que, com base nos estudos da Física sobre o comportamento dos corpos, busca, de forma análoga, entender a motivação e os comportamentos humanos levando em conta a percepção individual da realidade. De acordo com Lewin, a dimensão psicológica seria uma grande área circundada por uma

fronteira sensório-motora que regula a relação entre o mundo intrapsíquico e o meio ambiente externo. Essa grande área é dividida em áreas menores, denominadas regiões ou *campos*, delimitados com separações mais ou menos permeáveis que permitem relações das regiões entre si. Há campos mais próximos ou mais distantes uns dos outros, alguns relacionados a necessidades propriamente ditas (mais centrais), outros a *quase necessidades* (mais periféricas). O conjunto “pessoa (mundo intrapsíquico + fronteira sensório-motora) + meio ambiente tal como percebido” compõe o que Lewin chama de espaço vital (*Lebensraum*). Trata-se de um campo de forças que “inclui tudo o que é necessário à compreensão do comportamento concreto de um ser humano individual em dado meio psicológico em um dado tempo” (Ribeiro, 1985, p. 97).

Há sempre uma tensão interna originada na relação de um campo psíquico com o mundo externo. Internamente, há duas tendências: buscar equilíbrio para aliviar a tensão, distribuindo-a para outros campos de modo que eles também fiquem tensos, ou descarregar a tensão pela satisfação da necessidade por meio da fronteira sensório-motora. A partir das necessidades e *quase necessidades* (ou objetivos), configura-se um sistema de forças atrativas ou repulsivas que dependem do caráter de apelo (*Aufforderungscharakter*) ou *valência* de uma situação: algumas situações, objetos ou atividades são atrativos ou repulsivos, de acordo com o objetivo a que estão ligados. Quando positivas, as valências que orientam os movimentos no espaço de vida direcionam os vetores de atração por aspectos da necessidade ou do prazer. No caso da necessidade, podem resultar do dever decorrente de uma relação estabelecida por um poder reconhecido como pessoal ou divino; no caso do prazer, essa força de atração pode estar ligada ao desejo, à familiaridade ou à associação com experiências agradáveis. Todo esse movimento pode gerar conflitos a depender da modalidade de atração/repulsão, podendo configurar conflitos dos tipos aproximação/aproximação, esquiva/esquiva ou aproximação/esquiva (Paiva, 2000, p. 34).

Em sua tese – que justapôs uma leitura fenomenológica de base lewiniana com uma de base psicanalítica –, Paiva considerou a religião e a ciência como objetos ou componentes do espaço de vida de 26 cientistas da USP entrevistados por ele com vistas a verificar se, em seu campo psicológico, a relação entre ciência e religião se daria sob o signo do conflito, hipótese que acabou por não se confirmar. Outros estudos mais recentes ou em andamento também inspirados na pesquisa inaugural de Paiva, que variam o método para ora quantitativo, ora qualitativo-quantitativo<sup>1</sup>, também influenciaram a concepção e os instrumentos utilizados na pesquisa apresentada neste artigo. Vale observar que a pesquisa aqui apresentada se ateve ao referencial lewiniano, sem lançar-se a uma investigação/intepretação psicanalítica, como fez Paiva.

Antes de apresentar a pesquisa e seus resultados, vale ressaltar alguns pontos que nortearam e justificam escolhas feitas na concepção do projeto e na análise dos resultados obtidos. Não houve pretensão de focar aspectos epistemológicos do problema *ciência*

---

1 A partir da pesquisa de Paiva, planejei desenvolver um estudo que lhe fizesse um contraponto: investigar a “ciência dos religiosos”, ou seja, como religiosos veem a ciência, o que dela pensam e como com ela lidam no seu cotidiano. Trabalhei esse tema em um estudo quantitativo com um dos grupos de estudo mantido em conjunto pelo Inter Psi – Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais e pelo LabPsiRel – Laboratório de Psicologia Social da Religião no Instituto de Psicologia da USP. O artigo que apresenta esse estudo aguarda aceite para publicação. Paralelamente, no LabPsiRel, outro projeto foi elaborado como um estudo *quali-quant* a partir da pesquisa de Paiva (1993) com vistas a ampliar o estudo, tendo como participantes docentes pesquisadores não apenas da USP. Essa pesquisa está em andamento.

*vs. religião*, por isso o projeto não definiu a priori os conceitos de *ciência* e de *religião* a serem abordados com os participantes da pesquisa. O ponto central da investigação foi a visão pessoal, a lida psicológica e as articulações particulares acerca da *ciência* e da *religião* como compreendidas pelos participantes. Ao modo de Paiva (1993, 2000), *ciência* e *religião* foram tomadas como componentes (objetos) do espaço de vida dos(as) pós-graduandos(as), objetos dotados de contornos e valências, num movimento constante que guia o comportamento no delinear de caminhos para atingir metas e guiar, também, as relações estabelecidas subjetivamente entre ambas.

A pesquisa foi realizada em duas fases, quais sejam: um estudo quantitativo (Estudo 1) e um estudo qualitativo (Estudo 2). A opção por combinar esses dois métodos de estudo deveu-se a uma dupla motivação: a profusão, em nosso meio, de estudos qualitativos em Ciência da Religião em contraposição a escassos estudos quantitativos que ofertem robustez empírica a achados de pesquisa; e à recomendação feita por Belzen e Hood (2006) para que se invista em uma abordagem interdisciplinar multinível e multimétodo para o avanço dos estudos em Psicologia da Religião, que seja aplicável a todas as Ciências Humanas.

Devido às limitações impostas pela publicação em formato de artigo, trazemos uma síntese do processo de pesquisa e a apresentação dos dados amalgamada em parte à descrição dos participantes e, em sua maior parte, à discussão dos resultados, que traz uma articulação interpretativa dos principais dados obtidos, considerando as hipóteses que nortearam a pesquisa em cada uma de suas etapas.

## **Pesquisa empírica:**

### **Participantes**

O Estudo 1 (quantitativo) contou com 127 participantes, alunos(as) dos 12 programas de mestrado e/ou doutorado em Ciência(s) da(s) Religião(ões) que à época da coleta de dados – de 2016 a 2017 – eram afiliados à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião - ANPTECRE (Ver Tabela 1). Note-se que, devido às perspectivas particulares dos vários programas, há diferentes denominações dos cursos na área oferecidos no Brasil: Ciência da Religião, Ciências da Religião e Ciências das Religiões. Doravante, para efeito de fluidez do texto, a denominação dos programas e da área de estudo será abreviada como CR, contemplando todas as variações para o nome dos cursos/programas cujos(as) pós-graduandos(as) participaram da pesquisa. Vale salientar mais uma vez que não foi objetivo do estudo realizado problematizar as perspectivas dos diferentes programas de pós-graduação em CR a partir de posicionamentos e opiniões dos(as) participantes, mas sim conhecer posicionamentos e opiniões pessoais dos(as) pós-graduandos(as) – que serão doravante referidos como PGs englobando as flexões de gênero, também para fluidez do texto<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Também para fluidez na leitura, a partir deste ponto o texto é apresentado sem a forma de escrita gendrada que foi utilizada em parte deste artigo. A indicação do gênero do(a) participante será feita apenas especificamente na diferenciação entre dados/respostas de homens e mulheres quando pertinente.

**Tabela 1 – Quantidade de participantes por programa de pós-graduação em CR no Estudo 1.**

Programa - Pós-Graduação CR	Frequência	%	% válida	% acumulada
PUC-SP	32	25,2	25,2	25,2
Metodista	10	7,9	7,9	33,1
PUC-MG	6	4,7	4,7	37,8
Universidade Presbiteriana Mackenzie	4	3,1	3,1	40,9
Universidade Federal da Paraíba	9	7,1	7,1	48,0
Universidade Federal de Sergipe	5	3,9	3,9	52,0
Faculdade Unida de Vitória	9	7,1	7,1	59,1
Universidade Católica de Pernambuco	4	3,1	3,1	62,2
PUC-Campinas	8	6,3	6,3	68,5
Universidade Federal de Juiz de Fora	15	11,8	11,8	80,3
Universidade do Estado do Pará	10	7,9	7,9	88,2
PUC-GO	15	11,8	11,8	100,0
Total	127	100,0	100,0	

Do total de PGs participantes do Estudo 1 (N=127), 79 (62,2%) eram homens e 48 (37,8%) mulheres; 86 (67,7%) mestrandos (destes, 60% homens e 40% mulheres) e 41 (32,3%) doutorandos (destes 66% homens e 34% mulheres). A média de idade dos participantes foi de 40,3 anos, sendo a idade mínima 22 e a máxima, 67, com maior concentração entre os 30 e 50 anos de idade (Moda =30). Quanto à nacionalidade, 126 participantes eram brasileiros e apenas um estrangeiro.

Dentre os participantes do Estudo 1, 111 se dispuseram a participar do Estudo 2 por meio da concessão de uma entrevista. Dentre esses, foram selecionados, de modo aleatório, 20 participantes (cf. Quadro 1), a partir de sua situação acadêmica no momento da participação no estudo quantitativo: dez (10) mestrandos e dez (10) doutorandos, sendo idealmente cinco (5) homens e cinco (5) mulheres em cada uma das categorias. A decisão pela quantidade de mestrandos(as) e doutorandos(as) foi tomada com vistas a diversificar de modo equilibrado os participantes, dando voz a homens e mulheres estudantes de mestrado e de doutorado, sem o intuito de fazer comparações entre as duas categorias ou entre gêneros no que tange às ideias apresentadas nas entrevistas.

Não se buscou o pareamento dos participantes por idade, uma vez foi investigada uma população muito específica dentro de um quadro já estabelecido de pessoas que se mostraram pessoalmente dispostas a conceder entrevista para aprofundamento de suas opiniões ou posturas frente ao tema tratado. Também não foi observada a distribuição equitativa de participantes por cursos de pós-graduação no país porque, como já mencionado, o estudo não foi feito no âmbito institucional e sim no âmbito pessoal, com enfoque na investigação de crenças, práticas, opiniões e posturas de indivíduos. Por isso e para preservar o sigilo quanto à identidade dos PGs, não foi caracterizada a pertença acadêmica de cada um dos participantes do Estudo 2.

**Quadro 1 – Caracterização dos PGs entrevistados no Estudo 2.**

Participante	Status Acadêmico	Idade	Adesão/Crença Religiosa
P1	Doutoranda	31	Católica
P2	Mestrando	58	Batista
P3	Mestrando	38	Católica
P4	Mestrando	35	Evangélica (Assembleia de Deus)
P5	Doutoranda	28	Sem adesão religiosa
P6	Doutorando	38	Evangélica (Assembleia de Deus)
P7	Mestranda	51	Católica
P8	Mestrando	42	Presbiteriana
P9	Doutoranda	51	Católica
P10	Doutoranda	64	Messiânica
P11	Mestranda*	47	Católica
P12	Doutorando	56	Ifismo
P13	Doutoranda	51	Católica
P14	Mestranda	50	Católica
P15	Doutorando	43	Umbanda
P16	Mestranda	25	Sem adesão religiosa específica
P17	Mestranda	37	Católica
P18	Doutorando	37	Espírita kardecista
P19	Mestrando	25	Católica
P20	Doutorando	51	Presbiteriana

\*P11 participou no estudo quantitativo como mestranda, mas na ocasião da entrevista havia ingressado no doutorado.

## Método

A partir da ponderação a respeito do alcance e das limitações de métodos utilizados em estudos anteriores com temática semelhante (Paiva, 1993; Ecklund, 2010), optou-se por utilizar duas formas de coleta empírica dos dados, combinando um estudo quantitativo por meio da utilização de instrumentos objetivos (Estudo 1) com um estudo qualitativo por meio de entrevistas semidirigidas (Estudo 2). Aliar esses dois métodos permitiu, a despeito das limitações impostas para a generalização dos resultados aferidos, realizar um estudo exploratório que mostra tendências que podem ser investigadas mais a fundo em novos estudos.

A pesquisa como um todo, considerando-se os dois estudos levados a cabo, foi norteada pelas seguintes hipóteses:

(1) Quanto ao seu perfil, supõe-se que a maioria dos PGs em CR é religiosa, havendo um grande número de fortemente engajados na prática de suas religiões ou fortemente aderidos a alguma crença no transcendente ou no sobrenatural, ainda que não adiram a uma religião específica.

(2) A escolha de desenvolver um projeto de pesquisa em CR consistiria numa tentativa pessoal de solução para a difundida e amplamente compartilhada visão de conflito entre ciência e religião orientada pela atitude religiosa individual (que inclui comportamento religioso e a-religioso) que pode seguir um de dois caminhos:

(2a) submeter o sistema simbólico científico aos interesses do campo simbólico religioso de referência do indivíduo, com a pretensão de que a ciência sirva à legitimação de crenças religiosas;

(2b) reduzir o simbólico religioso e o/a fenômeno/experiência religioso(a) a explicações científicas da religião, utilizando a ciência como instrumento de “higienização” para desmistificação de crenças religiosas ou de cunho transcendental ou sobrenaturalista.

## Instrumentos

Para o Estudo 1 foi utilizado um instrumento composto por um questionário e duas escalas psicológicas. O questionário foi construído com base primordialmente no roteiro de entrevista utilizado por Paiva (1993), com alguma inspiração em estudos realizados por Ecklund e colaboradores (Ecklund, 2010; Ecklund e Lee, 2011). Foram aproveitadas também algumas questões elaboradas pela equipe de pesquisadores do Laboratório de Psicologia Social da Religião (LabPsiRel) da USP para sua pesquisa em andamento, que retoma e amplia a pesquisa de Paiva (1993). Foram ainda acrescentadas questões específicas relacionadas a aspectos demográficos e às expectativas quanto ao alcance/importância do estudo pretendido e às motivações dos PGs para o desenvolvimento do seu projeto de pesquisa em CR. Também foram incluídas duas escalas psicológicas, uma para verificar o grau de crença na ciência e a outra, o grau de religiosidade dos participantes. Pretendeu-se, com isso, controlar, ainda que minimamente, o viés de *desejabilidade social* que poderia interferir nos resultados obtidos, ou seja, para minimizar o efeito de respostas dadas a partir do que o respondente pensaria ser desejável do ponto de vista da pesquisadora, camuflando reais posicionamentos, intenções e atitudes frente à ciência.

As escalas utilizadas foram a *Belief in Science Scale* (BSS) – Escala de Crença na Ciência – desenvolvida pelo pesquisador Miguel Farias das Universidades de Oxford e Coventry, na Inglaterra, e seus colaboradores (Farias et al., 2013); e a *Centrality of Religiosity Scale* (CRS) – Escala de Centralidade da Religiosidade – desenvolvida por Stefan Huber (Huber e Huber, 2012), da Universidade de Berna.

A BSS, de tipo Likert, é composta por dez afirmações científicas para as quais o participante deve indicar seu nível de concordância, que pode variar de “1 discordo fortemente” a “6 concordo fortemente”. A BSS foi traduzida ao português e submetida ao processo de validação semântica para outro estudo brasileiro (Machado, Torres, Huang, Zangari e Maraldi, manuscrito aguardando aceite para publicação) e suas propriedades psicométricas foram avaliadas para o estudo ora apresentado.

Com versões que variam em extensão e aplicabilidade inter-religiosa, a CRS mede o grau geral de intensidade de cinco dimensões psicológicas centrais para a religiosidade de um indivíduo: prática pública, prática privada, experiência religiosa, dimensão ideológica e dimensão intelectual. Foi utilizada a escala básica com 10 itens (CRS-10), validada para o contexto brasileiro por Mary Rute Gomes Esperandio, docente e pesquisadora da PUC-PR, e colaboradores.

Em seu formato final, o instrumento utilizado foi apresentado aos participantes como um questionário único com 59 itens, sendo as questões de 28 a 37 correspondentes à CRS, as questões de 45 a 54 correspondentes à BSS e a última pergunta (59) referente à disposição em participar do Estudo 2 por meio da concessão de uma entrevista para aprofundamento do tema tratado.



No Estudo 2 foi utilizado um roteiro de entrevista semidirigida elaborado a partir do roteiro preparado para a parte qualitativa da pesquisa em andamento realizada pelo LabPsiRel com pesquisadores/docentes de universidades brasileiras, inspirada no estudo de Paiva (1993). O roteiro teve como eixo central a elaboração do(a) participante frente às interpelações da ciência e da religião e foi subdividido em quatro eixos colineares referentes a: (1) posicionamento atual sobre ciência e religião; (2) histórico da escolha da área de estudo; (3) histórico pessoal de contato com a religião; e (4) histórico pessoal de contato com a ciência.

### Aspecto ético

Conforme orientação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEPE) do Campus Perdizes da PUC-SP baseada no Artigo 1º, Parágrafo Único, Item V da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, por suas características o Estudo 1 foi dispensado da avaliação pelo CEPE via Plataforma Brasil. O Estudo 2, por sua vez, foi avaliado e obteve parecer favorável (Parecer Nº 1.855.082), estando em acordo com a Resolução Nacional de Ética em Pesquisa vigente (CNS/MS Nº 466/20120), com a resolução específica das áreas de Ciências Humanas e Sociais (CNS/MS 510/2016), com a Resolução 16/2000 do Conselho Federal de Psicologia e os Regimento e Regulamento Internos do CEPE da PUCSP.

### Procedimentos

#### *Estudo 1*

Após a composição do instrumento a ser utilizado para a coleta de dados, procedeu-se à análise de conteúdo e validação semântica das questões elaboradas especialmente para o Estudo 1 e daquelas elaboradas a partir de outros estudos, uma vez que as versões em português da CRS e da BSS já haviam passado por esse processo. Considerou-se o coeficiente *Alpha de Cronbach*  $\geq .80$  para a concordância entre os 14 juízes desse processo – pesquisadores/estudiosos da Psicologia da Religião – para os itens analisados quanto a sua sintaxe, clareza, compreensão e, adequação a fim de considerar válido o instrumento. Tendo sido elaborado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) a ser apresentado aos participantes, conforme orientações do CEPE/PUC-SP, o instrumento foi colocado na plataforma Google Docs para coleta de respostas on-line<sup>3</sup>. Os programas de pós-graduação em CR filiados à ANPTCRE foram contatados para obtenção de e-mails dos PGs e/ou divulgação do convite aos PGs para participação na pesquisa e informação do link para o questionário.

---

3 Devido ao fato de a participação nesse estudo ser feita on-line, a concordância com o TCLE apresentado era feita clicando-se na opção “Concordo e aceito participar da pesquisa”. Somente a partir da escolha dessa opção os PGs teriam acesso ao questionário.

A análise estatística (compilação, verificação de frequências e cruzamento de dados) foi realizada com o auxílio do *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), na sua versão 17 para Windows, e do programa Microsoft Excel. Foram gerados dados de estatística descritiva, como frequência, porcentagem, média e desvio padrão para cada variável do estudo a partir dos quais foram criados gráficos e tabelas ilustrativos dos dados obtidos, incluindo histogramas com as distribuições dos dados<sup>4</sup>. Para avaliação das correlações entre as variáveis, foi empregado o *coeficiente produto-momento de Pearson*. Para averiguação das diferenças de média entre subgrupos de participantes, foi empregado o *teste t de Student* (para comparações envolvendo dois grupos) e *ANOVA de um fator* (para comparações entre grupos). O critério adotado para a determinação da significância estatística foi de  $p < .05$ . As propriedades psicométricas, a BSS foram verificadas: sua consistência interna foi avaliada por meio do *Alpha de Cronbach* e do *coeficiente de Spearman-Brown* para o relacionamento entre as duas metades, os quais atestaram a confiabilidade do instrumento para utilização neste estudo.

Os resultados obtidos foram analisados à luz das hipóteses levantadas e do referencial lewianiano, o que seria confrontado e aprofundado por meio do Estudo 2.

## Estudo 2

Definidos o Roteiro de Entrevista Semidirigida e o TCLE referente ao Estudo 2, o projeto foi submetido ao CEPE da PUC-SP via Plataforma Brasil. Obtido o parecer favorável do CEPE, foram selecionados aleatoriamente, por meio de sorteio simples, dentre os participantes do Estudo 1 que se dispuseram a participar do Estudo 2, os PGs a serem entrevistados, de acordo com o número e o gênero de mestrandos e doutorandos pretendidos. O contato para agendamento das entrevistas foi feito por e-mail. As entrevistas foram realizadas presencialmente ou à distância por chamada de vídeo (Skype ou Whatsapp), de acordo com a localização ou preferência do entrevistado. A duração das entrevistas variou de 35 minutos a 1h43, tendo sido realizado um total de cerca de 19 horas de entrevistas, que foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas na íntegra. A análise das entrevistas foi organizada seguindo a ordem dos quatro eixos colineares do roteiro e à luz do conceito de espaço de vida e da Teoria de Campo (Lewin, 1973), em diálogo com os resultados obtidos no Estudo 1.

## Apresentação e discussão dos resultados

### Estudo 1

#### *Religiosidade e adesão religiosa dos participantes*

A hipótese 1 foi confirmada. Em sua maioria (95,2%) os PGs participantes pontuaram como religiosos ou muito religiosos na CRS, sendo que 35,4% pontuaram

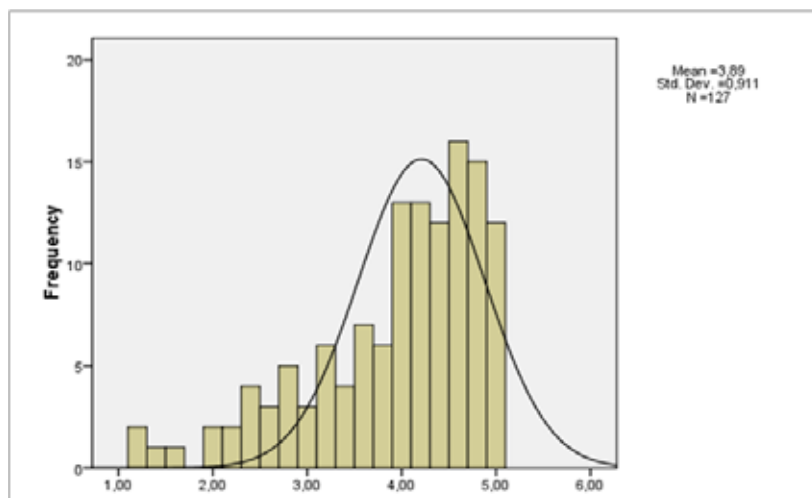
---

<sup>4</sup> O Relatório Final do Estágio de Pós-Doutorado PNPd-CAPES (Machado, 2018) que se encontra no CRE-PUCSP contém, como Apêndice, um CD-ROM com as tabelas e figuras geradas pelo SPSS.

como *religiosos* e 59,8% como *altamente religiosos*. Além disso, 91,3% têm alguma religião definida ou crença em algo transcendente ou sobrenatural (ver Tabela 2). O Gráfico 1 mostra a distribuição da pontuação na CRS e permite visualizar a tendência à centralidade da religiosidade, evidenciando o grupo de PGs participante da pesquisa como muito religioso. Verificou-se ainda que quanto maior a idade, mais religioso é o participante ( $r = 0,324$ ;  $p < 0,001$ ).

**Tabela 2 – Adesão ou postura religiosa dos participantes.**

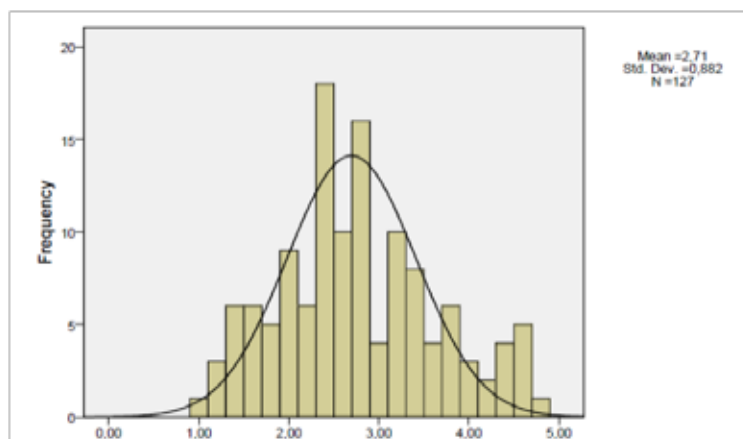
	Frequência	%	% válida	% acumulada
Não sou adepto(a) de nenhuma religião específica, mas acredito em Deus.	11	8,7	8,7	8,7
Sou agnóstico(a).	11	8,7	8,7	17,3
Sou esotérico(a).	1	0,8	0,8	18,1
Católica Apostólica Romana	30	23,6	23,6	41,7
Judaica	1	0,8	0,8	42,5
Luterana	2	1,6	1,6	44,1
Calvinista	1	0,8	0,8	44,9
Metodista	2	1,6	1,6	46,5
Presbiteriana	6	4,7	4,7	51,2
Batista	7	5,5	5,5	56,7
Evangélica	16	12,6	12,6	69,3
Umbanda	1	0,8	0,8	70,1
Candomblé	4	3,1	3,1	73,2
Espiritismo Kardecista	3	2,4	2,4	75,6
Budista	4	3,1	3,1	78,7
Wicca	2	1,6	1,6	80,3
Congregacional	1	0,8	0,8	81,1
Cristã	1	0,8	0,8	81,9
Messiânica	1	0,8	0,8	82,7
Devota de Orixá, junção de Umbanda, Candomblé e Culto a Ifá	1	0,8	0,8	83,5
Teísta Fraternal	1	0,8	0,8	84,3
Ifismo	2	1,6	1,6	85,8
Anglicana	1	0,8	0,8	86,6
Teosofista com tendência ao hinduísmo	1	0,8	0,8	87,4
Cristã Ortodoxa	1	0,8	0,8	88,2
Pentecostal	1	0,8	0,8	89,0
Cristão sem pertença a qualquer denominação. Existencialista cristão Kierk	1	0,8	0,8	89,8
Gnosis	1	0,8	0,8	90,6
Não sou adepto(a) de nenhuma religião específica, mas acredito em Deus; Católica Apostólica Romana	1	0,8	0,8	91,3
Sou agnóstico(a), ou seja, não pertença a nenhuma (...), Luterana	1	0,8	0,8	92,1
Não sou adepto(a) de nenhuma religião específica, mas acredito em Deus; Católica Apostólica Romana; Candomblé	1	0,8	0,8	92,9
Sou agnóstico(a), ou seja, não pertença a nenhuma religião(...); Sou esotérico(a).	1	0,8	0,8	93,7
Calvinista, Presbiteriana	1	0,8	0,8	94,5
Sou esotérico(a); Druidista	1	0,8	0,8	95,3
Não sou adepto(a) de nenhuma religião específica, mas acredito em Deus; Sou esotérico(a).	1	0,8	0,8	96,1
Católica Apostólica Romana; Macroecumênico	1	0,8	0,8	96,9
Católica Apostólica Romana; Umbanda; Espiritismo Kardecista; Budista	1	0,8	0,8	97,6
Sou ateu/ateia; Sou esotérico(a); Budista	1	0,8	0,8	98,4
Sou ateu/ateia; Sou esotérico(a).	1	0,8	0,8	99,2
Sou esotérico(a); Espiritismo Kardecista	1	0,8	0,8	100,0
Total	127	100,0	100,0	

**Gráfico 1 – Pontuação dos participantes na Escala Centralidade da Religiosidade (CRS)**

Sendo dada a possibilidade de indicar mais de uma pertença religiosa, 8 PGs (6,4%) apontaram múltipla adesão, sempre envolvendo uma crença cristã (e.g. “não sou adepto de nenhuma religião específica, mas creio em Deus / religião católica apostólica romana /candomblé”; “religião católica apostólica romana / umbanda / espiritismo kardecista/ budista”). Nenhum PG se autodeclarou exclusivamente ateu, sendo que um PG se declarou “ateu esotérico budista” e outro “ateu esotérico”.

### *Crença na ciência*

Em relação à crença na ciência, a média de pontuação na BSS (Gráfico 2) foi comparativamente menor em relação à pontuação na CRS. Participantes que pontuaram mais na CRS pontuaram significativamente menos na BSS e vice-versa ( $r = -0,207$ ,  $p = 0,019$ ). Não foi encontrada correlação significativa entre idade e grau de crença na ciência. Esses dados sugerem que talvez pelo fato de os PGs em CR tenderem a ser mais religiosos, tendam a discordar mais do cientificismo, ou seja, “creem menos na ciência”.

**Gráfico 2 – Pontuação dos participantes na Escala de Crença na Ciência (BSS)**

### *Histórico de contato com a religião*

98 participantes (92,9%) reconheceram que sua família atribuía importância à religião em alguma medida; 68 (53,5%) sempre foram adeptos de alguma religião; 26 (20,5%) eram religiosos ou adeptos de alguma religião, mas, a partir de certo momento, deixaram de professar uma fé religiosa ou optaram por não aderir a uma religião específica; 18 (14,2%) se afastaram por um tempo da religião, depois retornaram; 9 (7,1%) não tinham fé religiosa ou não eram adeptos de religião alguma, mas, em determinado momento, aderiram/converteram-se a uma religião; 6 (4,7%) nunca foram adeptos de religião alguma. Verificou-se, ainda, que 65 (51,2%) dos participantes nunca mudaram de religião e 56 (44%) mudaram de religião ao longo da vida.

Em que pese no geral sejam religiosos ou muito religiosos, 60,6% (77) dos PGs não exercem função específica em algum grupo religioso. Dentre aqueles que exercem alguma uma função específica (N= 50), 41 (82%) tiveram alguma preparação especial para tal.

Quanto à visão pessoal a respeito da religião, 98 (77,2%) declararam que o que pensam hoje sobre religião foi influenciado pelo conhecimento científico adquirido ao longo da vida. Destes, 56 (57,1%) reconhecem a influência do conhecimento científico adquirido como *em parte favorável e em parte desfavorável à religião*; 33 (33,7%) como *favorável à religião*; e 9 (9,2%) como *desfavorável à religião*. Os dados apontam que os participantes mais religiosos tendem a reconhecer a influência dos conhecimentos científicos como *favoráveis* ou pelo menos *parcialmente favoráveis à religião*, enquanto os menos religiosos parecem tender a apontar que a influência foi *desfavorável à religião* [F(3,123) = 4,203,  $p = 0,007$ ]. Também os PGs que têm maior grau de crença na ciência parecem tender a considerar que os conhecimentos científicos influenciaram de modo *desfavorável* ou, principalmente, de modo *parcialmente desfavorável* o que pensam hoje a respeito da religião, mas não foi encontrada significância estatística para esse resultado.

Especificamente quanto à influência dos estudos universitários no modo de ver a religião atualmente, 94 (74%) dos participantes confirmaram essa influência na percepção tanto de aspectos positivos quanto negativos da religião de modo bem equilibrado; 12 (9,4%) responderam que os estudos universitários fizeram com que eles tivessem uma visão predominantemente positiva da religião; 8 (6,3%) indicaram influência no sentido de uma visão predominantemente negativa da religião; e 13 (10,2%) consideraram que seus estudos universitários não exerceram influência alguma na visão que têm da religião atualmente.

### *Histórico de contato com a ciência*

Quanto à importância atribuída à ciência pelas famílias dos PGs enquanto estes cresciam (durante a infância e a adolescência), de modo geral, a ciência era valorizada, ainda que em diferentes graus: 90 PGs (70,9%) reconheceram que a família atribuía algum nível de importância à ciência, sendo *um pouco importante* para 31 (24,4%), *importante* para 41 (32,3%) e *muito importante* para 18 (14,2%). Para as famílias de

9 participantes (7,1%) a ciência *não era importante de forma alguma* e para 28 (22%) *não fazia diferença*. Verificou-se que o nível de importância atribuída (ou não) à ciência pelas famílias não tem correlação significativa com o atual grau de religiosidade ou de crença na ciência dos PGs.

81(63,8%) dos PGs não consideram que sua religião ou outra religião qualquer tenha influenciado a visão que eles têm da ciência atualmente. Dentre os 46 participantes que reconhecem que sua visão atual de ciência foi influenciada por sua religião ou por alguma religião, 22 (47,8%) consideram que a influência foi *favorável* à ciência, 23 (50%) *em parte foi favorável* e *em parte desfavorável* à ciência, e apenas 1 (2,2%) *desfavorável* à ciência. Não foi encontrada significância estatística na correlação entre a consideração de influência (ou não) da religião na visão que os participantes têm da ciência com a pontuação na BSS. No entanto, participantes que consideram que a religião influenciou de modo favorável em alguma medida a visão que têm de ciência hoje pontuaram significativamente mais no grau de religiosidade [ $t(125) = 2,309, p = 0,023$ ] do que os que não reconhecem a influência da religião nesse sentido.

92 (72,4%) dos PGs afirmaram que seus estudos universitários fizeram com que percebessem tanto aspectos positivos quanto negativos da ciência de modo bem equilibrado; 26 (20,5%) responderam que os fizeram ter uma visão predominantemente positiva da ciência; apenas 1 (0,8%) dos participantes indicou que fizeram com que ele tivesse uma visão predominantemente negativa da ciência; e 8 (6,3%) dos participantes consideram que seus estudos universitários não exerceram influência alguma na visão que têm da ciência atualmente. Não foi encontrada correlação significativa desses dados com o grau de religiosidade ou de crença na ciência dos PGs.

### *Percepção da relação entre ciência e religião*

93 (73,2%) dos participantes (N=127) discordam em algum grau que haja algum conflito irreconciliável entre ambas. A minoria que concorda em alguma medida que haja um conflito irreconciliável entre ciência e religião pontua significativamente mais na BSS ( $r = 0,441; p < 0,001$ ), portanto, crê mais na ciência. Por outro lado, não foi encontrada correlação significativa entre a pontuação na CRS e a percepção de conflito entre ciência e religião. Verificou-se ainda que 72 (56,7%) dos PGs discordam em algum grau da ideia de que a ciência (considerando as diferentes áreas de conhecimento) precisa se render a evidências propiciadas por vivências religiosas, isto é, aquelas que indicariam a sobrevivência após a morte e/ou a existência de algo divino e/ou de uma realidade espiritual. Porém, os participantes mais religiosos – ou seja, que mais pontuam na CRS – tendem a concordar que a ciência tem de se render à experiência religiosa. Apesar de a correlação ser fraca a moderada, é significativa ( $r = 0,291, p = 0,001$ ). Não foi encontrada correlação significativa com o grau de crença na ciência para esse item.

Quanto à fragilidade ou robustez das bases da religião, 95 (74,9%) dos PGs discordam que as bases da religião (instituições, rituais e crenças específicas) não se sustentariam em sua essência se submetidas a um rigoroso estudo científico. Vale observar, contudo, que 38 (30%) dos PGs posicionam-se numa zona praticamente intermediária

de concordância/discordância, uma vez que 19 (15%) dizem *discordar levemente* e 19 (15%) dizem *concordar levemente* com a falta de sustentação das bases religiosas quando estas são submetidas ao escrutínio científico. Os PGs que consideram que as bases da religião não se sustentam quando analisadas cientificamente pontuam mais em crença na ciência ( $r = 0,441, p < 0,001$ ). Inversamente, quanto mais religiosos são os PGs, menos consideram que as bases da religião são frágeis e não se sustentam numa análise científica ( $r = -0,293, p = 0,001$ ).

Para verificar de um ponto de vista mais direto como os PGs percebem, na prática, a interação entre religião e ciência no binômio “crença religiosa pessoal + prática científica”, foi apresentada a afirmação “uma pessoa pode ser cientista e realizar pesquisas acadêmicas com todo o rigor que os estudos científicos demandam e ter também uma fé religiosa”, para a qual deveriam expressar seu grau de concordância ou de discordância. Verificou-se que 125 (98,4%) dos PGs – portanto, quase a totalidade dos participantes – concordam em algum grau com essa afirmação (50,4% *concorda* e 38,6% *concorda fortemente*).

Apenas dois participantes indicaram que *discordam* que um cientista possa professar uma fé religiosa e realizar seus estudos com rigor acadêmico/científico, sendo que um deles *discorda levemente*, e 12 (9,4%) *concordam levemente*. Quanto maior a pontuação do participante na BSS, ou seja, quanto maior sua crença na ciência, sua concordância é significativamente menor ( $r = -0,317, p < 0,001$ ), isto é, menos considera possível que uma pessoa atue como cientista rigoroso e tenha uma fé religiosa. Por outro lado, quanto maior o grau de centralidade da religiosidade, isto é, quanto mais religioso é o PG, mais acredita que um cientista possa atuar adequadamente e também professar uma crença religiosa ( $r = 0,419, p < 0,001$ ).

Evidenciou-se certa tendência de os PGs a reivindicarem mais respeito para a ciência do que para a religião: 83% *concordam* em algum grau que “os cientistas e a ciência deveriam ser mais respeitados em nossa sociedade” ao passo que 64% *concordam* que “os religiosos deveriam ser mais respeitados e as verdades religiosas deveriam ser mais consideradas em nossa sociedade”.

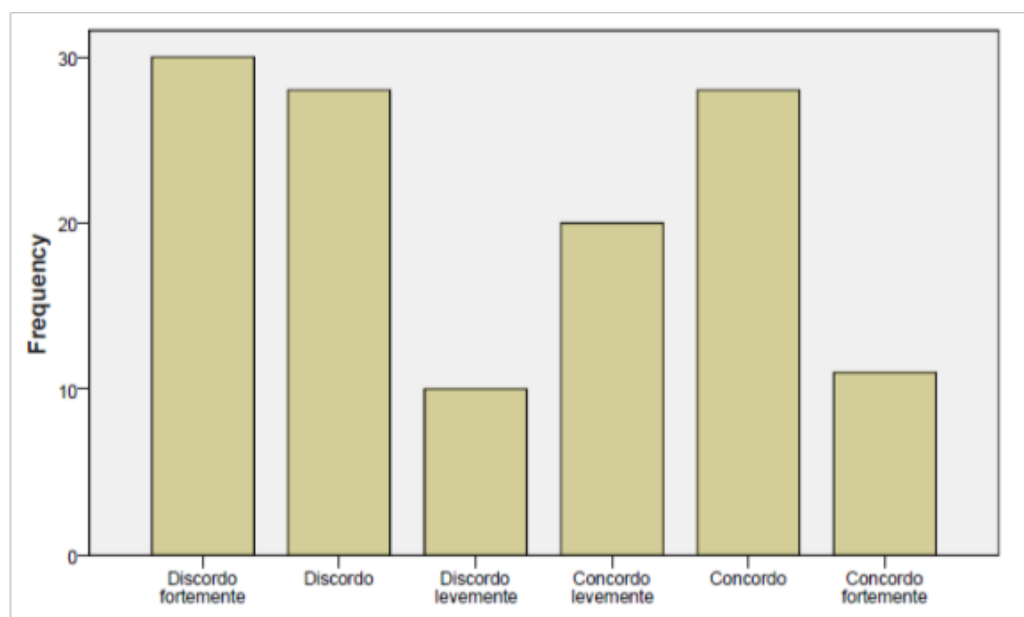
### *Motivação/expectativas quanto à realização de estudos acadêmicos em CR*

A partir da apresentação de alguns itens, os PGs indicaram em que medida cada um deles corresponderia à importância de se realizar estudos acadêmicos em CR, o que foi interpretado como motivações para a escolha/ingresso na área.

Em termos de discordâncias, 113 PGs (89%) discordam em algum grau – sendo que destes, 49 (43,4,6%) *discorda fortemente* e 57 (50,4%) *discorda* – de que a realização de estudos acadêmicos no campo da CR “possibilita levantar dados ou encontrar evidências que demonstrem que religião e crenças religiosas não têm fundamentação racional”. No entanto, os participantes ficaram divididos em suas opiniões quanto à afirmação de que a realização de estudos no campo da CR “possibilita levantar dados ou encontrar evidências que levem à legitimação e justificação de crenças religiosas” (Gráfico 3). Verificou-se que 68 PGs (53,5%) discordam dessa afirmação em algum

grau – sendo que a maioria destes (83,6%) *discorda* ou *discorda fortemente* em proporção praticamente igual (41,2% e 44,1% respectivamente); e 59 (46,5%) concordam em algum grau com afirmação – sendo que a maioria destes (81,4%) *concorda* (47,6%) ou *concorda levemente* (33,9%).

**Gráfico 3: Importância dos estudos acadêmicos em CR: possibilita levantar dados ou encontrar evidências que levem à legitimação e justificação de crenças**



Quanto às “concordâncias”, o Quadro 2 apresenta o ranking (em ordem decrescente) das principais expectativas pessoais para a realização do estudos em CR considerando o que esse campo pode oferecer.

**Quadro 2 – Ranking de motivações/importância de realização de estudos em CR**

<b>Expectativas pessoais sobre a realização de estudos acadêmicos no campo da CR (motivação para a escolha de um programa de CR)</b>	<b>Porcentagem de PGs</b>
Possibilita o aprimoramento e/ou a obtenção de conhecimentos para a atuação no ensino religioso nas escolas	121 (95,3%)
Propicia uma compreensão científica neutra e interdisciplinar de fenômenos e comportamentos religiosos	110 (86,6%)
Possibilita o aprimoramento e/ou a obtenção de conhecimentos que contribuam para melhorar a atuação em atividades ligadas a práticas e/ou instituições religiosas (atividades pastorais e/ou aconselhamento e/ou divulgação...)	90 (70,8%)
Possibilita levantar dados ou encontrar evidências que levem à legitimação e justificação de crenças religiosas.	59 (46,5%)



Verificou-se que quanto maior seu grau de religiosidade e de crença na ciência, mais o PG concorda que a realização de estudos no campo da CR possibilita aprimoramento e obtenção de conhecimento para uma melhor atuação em atividades ligadas a práticas e/ou instituições religiosas ( $r = 0,192, p=0,03$  para BSS e  $r = 0,196; p=0,027$  para CRS). Isto é interessante, pois sugere que haveria uma conjunção entre acreditar na ciência, ou seja, apostar na segurança que ela oferece em termos de construção de conhecimento, e a aplicação desse conhecimento nas atividades de cunho religioso de modo a incrementar sua qualidade.

Por outro lado, os dados também apontam que quanto maior o grau de crença na ciência, maior é o grau de concordância dos PGs quanto à realização de estudos em CR “possibilitar levantar dados ou encontrar evidências que demonstrem que religião e crenças religiosas não têm fundamentação racional” ( $r=0,299, p=0,001$ ) e “propiciar uma compreensão científica neutra e interdisciplinar de fenômenos e comportamentos religiosos” ( $r=0,252, p=0,004$ ). Essas aparentes contradições se maximizam em um dado intrigante que contrariou o que intuitivamente se pensaria como resultado esperado: quanto maior o grau de crença na ciência, mais os participantes concordam que é possível legitimar crenças religiosas por meio dos estudos acadêmicos em CR ( $r = 0,224, p=0,011$ ) e, curiosamente não foi encontrada correlação significativa deste item com a pontuação na CRS.

Esses dados contraditórios sugerem a existência de uma tensão entre a confiança ou crença na ciência e a religiosidade dos participantes. Essa tensão fica mais explicitamente evidente ao observar-se que, em relação à expectativa de os estudos acadêmicos em CR possibilitarem levantar dados ou encontrar evidências que levem à legitimação e justificação de crenças religiosas, as opiniões encontram-se divididas (53,5% discordam e 46,5% concordam). Sendo assim, apesar de a maioria dos participantes não concordar explicitamente que haja um conflito entre ciência e religião, parece haver uma tensão no modo como lidam com ambas e como encaram a relação entre elas, o que se reflete nas suas expectativas quanto às possibilidades oferecidas pela realização de estudos em nível de pós-graduação em CR.

### *Motivação para a elaboração do projeto de pesquisa desenvolvido em CR*

O Quadro 3 resume os principais resultados com as graduações de respostas dos PGs para cada item, com destaque/detalhamento para alguns pontos mais relevantes.

Num balanço geral das motivações para os projetos de pesquisa dos PGs em CR, apesar de nas respostas dadas ao questionário prevalecer principalmente a possibilidade de contribuir de forma imparcial para a ampliação dos conhecimentos acerca da religião e/ou de fenômenos/comportamentos religiosos (96%), verifica-se que a imparcialidade referida não corresponde a respostas a outros itens que privilegiam ou são favoráveis à religião – como um saber ao qual a ciência deve se render (38,6%), uso da pesquisa para legitimação de crenças religiosas (43,3%) – ou que são avessos à religião – aversão à religião ou sistema de crenças em particular (17,3%), mostrar que o pensamento religioso pode ser nocivo (22,8%) ou que a religião não tem sustentação quando submetida à avaliação científica (10,2%). Tratando-se da indicação de motivações para a realização da pesquisa, compreende-se que se articulam como intenções anteriores ao

processo investigativo propriamente dito. O confronto percentual das respostas sugere que a imparcialidade indicada e pretendida pode, na verdade, estar fundamentada na ideia de constituir algo que se sabe ser desejado/almejado nos estudos acadêmicos e que foi indicado por efeito da *desejabilidade social*, ou seja, a emissão de opiniões em acordo com o que se julga que a pesquisadora gostaria de ouvir, mas não por de fato corresponder ao que motivou a proposição de projetos de pesquisa.

### Quadro 3 – Motivações (e pretensões) dos PGs para desenvolver um do projeto de pesquisa em CR.

MOTIVAÇÃO O PARA DESENVOLVER PESQUISA EM CR	N = 127*					
	NÃO			SIM		
	Não corresponde em absolutamente nada	Não corresponde	Não corresponde em quase nada	Corresponde até certo ponto	Corresponde	Corresponde totalmente
Crenças ou questionamentos religiosos pessoais.	47 (37%) "não" em alguma medida.			80 (63%) "sim" em alguma medida, sendo que para 73 (57,5%) até certo ponto.		
Aversão à religião (como instituição) de um modo geral.	119 (93,7%) "não" em alguma medida.			8 (6,3%) "sim" em alguma medida.		
Aversão ou críticas a alguma religião ou sistema de crenças em particular.	105 (82,6%) "não" em alguma medida.			22 (17,3%) "sim" alguma medida, sendo que para 6 (4,4%) corresponde; para 1 (0,8%) corresponde totalmente.		
Poder contribuir para legitimar alguma(s) crença(s) religiosa(s).	72 (56,7%) "não" em alguma medida, sendo que para 7 (5,5%) em quase nada.			55 (43,3%) "sim" alguma medida, sendo que para 29 (22%) até certo ponto; 18 (14,2%) corresponde; e 8 (6,3%) corresponde totalmente.		
Poder contribuir para mostrar que a religião e/ou o pensamento religioso são/podem ser nocivos.	98 (77,1%) "não" em alguma medida, sendo que para 7 (5,5%) em quase nada.			22 (17,3%) "sim" em alguma medida, sendo que para 6 (4,4%) corresponde; para 1 (0,8%) corresponde totalmente.		
Poder contribuir para ampliar de forma imparcial os conhecimentos acerca da religião e/ou de fenômenos/comportamentos religiosos.	5 (3,9%) "não" em alguma medida.			122 (96%) "sim" em alguma medida, sendo que para (45,7%) corresponde para (34,6%) corresponde totalmente para (15,7%) até certo ponto.		
Ajudar a dar visibilidade a algum aspecto da religião ou relacionado às crenças religiosas que é, geralmente, negligenciado nos estudos de religião(ões).	10 (7,9%) "não" em alguma medida.			117 (92%) "sim" em alguma medida, sendo que para 20 (15,7%) até certo ponto; para 44 (34,6%) corresponde totalmente.		
Ajudar a mostrar que a ciência deve se render a evidências disponíveis no âmbito religioso que apontam para a existência do transcendente ou de uma realidade espiritual.	78 (61,3%) "não" em alguma medida, sendo que para (22%) em absolutamente nada; para (9,4%) em quase nada.			49 (38,6%) "sim" em alguma medida, sendo que para 27 (31,3%) até certo ponto.		
Ajudar a mostrar que religião e/ou crenças religiosas não têm sustentação quando submetidas a uma avaliação científica.	114 (89,7%) "não" em alguma medida, sendo que para 5 (3,9%) em quase nada.			13 (10,2%) "sim" em alguma medida, sendo que para 6 até certo ponto, para nenhum PG corresponde totalmente.		

\*Todas as quantidades e porcentagens indicadas têm como referência o número total de PGs participantes (N=127).

É possível que a suposição de imparcialidade para estudos acadêmicos e a aura de confiabilidade que envolve os estudos acadêmico-científicos tenham motivado a busca de realização de pesquisa em CR por parte dos PGs de modo a legitimar suas convicções prévias sobre religião. O mesmo vale para a motivação para busca de um programa de CR para realização de estudos acadêmicos.

Como apontado no Quadro 3, 86,6% dos PGs concordam em algum grau – sendo que a maioria destes (83,6%) *concorda* ou *concorda fortemente* em igual proporção – que a realização de estudos acadêmicos no campo da CR “propicia uma compreensão científica neutra e interdisciplinar de fenômenos e comportamentos religiosos”. No entanto, 46,5% dos participantes concordam em algum grau que realizar estudos acadêmicos em CR “possibilita levantar dados ou encontrar evidências que levem à legitimação e justificação de crenças religiosas”, contra 53,5% que discordam desta afirmação em algum grau.

Aparentemente, os PGs ficam mais divididos de modo relativamente equilibrado no que diz respeito a possibilidades favoráveis à religião, como legitimação de crenças ou de rendição da ciência ao conhecimento religioso. Por outro lado, motivações ligadas à aversão à religião ou à “depreciação” da religião como não válida se submetida ao escrutínio científico apresentam maior robustez na assunção de posturas contrárias a elas. As respostas são mais definidas em termos de conjunto nas discordâncias em relação a esse tipo de motivação. É provável que isso decorra do fato de o conjunto de participantes da pesquisa ser predominante religioso e comparativamente pontuar menos na escala de crença na ciência.

Em termos correlacionais, verificou-se que quanto maior é o grau de religiosidade do participante, ou seja, quanto mais religioso é o participante:

- mais sua pesquisa em CR é motivada por “crenças ou questionamentos religiosos pessoais” ( $r = 0,234$ ,  $p = 0,008$ );
- mais considera que “sua pesquisa pode ajudar a mostrar que a ciência deve se render a evidências disponíveis no âmbito religioso que apontam para a existência do transcendente ou de uma realidade espiritual” ( $r = 0,283$ ,  $p = 0,001$ );
- mais concorda que sua pesquisa pode ajudar a legitimar crenças religiosas ( $r = 0,347$ ,  $p < 0,01$ );
- menos a “aversão à religião” (como instituição) serve de motivação para a pesquisa em CR ( $r = -0,276$ ,  $p = 0,002$ ).

Não foi encontrada correlação significativa entre as repostas aos demais itens descritivos das motivações para o desenvolvimento do projeto de pesquisa em CR e o grau de religiosidade dos PGs.

Por outro lado, verificou-se que quanto maior é o grau de crença na ciência mais a aversão à religião como instituição ( $r = 0,350$ ,  $p < 0,01$ ) e a possibilidade de “mostrar que religião e/ou crenças religiosas não têm sustentação quando submetidas a uma avaliação científica” ( $r = 0,408$ ;  $p < 0,01$ ) servem de motivação para o desenvolvimento de sua pesquisa em CR. No entanto, é importante observar que o número de participantes que indicaram essas motivações para suas pesquisas é extremamente pequeno se comparado ao número total de participantes do grupo de PGs investigado. Não foi encontrada correlação significativa entre as repostas aos demais itens descritivos das

motivações para o desenvolvimento do projeto de pesquisa em CR e o grau de crença na ciência dos PGs.

### *Ponderação sobre os resultados do Estudo 1*

Os resultados obtidos confirmam parcialmente a hipótese 2. Apesar de 73,2% dos PGs não concordarem (pelo menos em alguma medida) que haja um conflito irreconciliável entre ciência e religião – o que invalidaria a hipótese de busca pelo programa de pós-graduação em CR como tentativa de solução de conflito – respostas a outros itens do questionário mostraram que há motivações para a busca pela CR que sugerem que parte dos PGs – ainda que em minoria – tem a expectativa de validação de crenças religiosas pela ciência ou, numa minoria “ainda menor”, de demonstrar a insustentabilidade das bases das religiões pela via do estudo científico aprofundado das mesmas. Pode se considerar que, em seu conjunto, as posições assumidas pelos PGs evidenciaram a existência de algum conflito ou, pelo menos, alguma tensão – ainda que não explicitamente admitida – ao se dividirem quase que de modo proporcionalmente idêntico entre os que consideram o desenvolvimento de estudos acadêmicos em CR como importantes por possibilitarem “levantar dados ou encontrar evidências que levem à legitimação e justificação de crenças religiosas” (46,5%) e os que discordam disso em alguma medida (53,5%). Não houvesse alguma consideração de conflito ou de diferenciação de importância ou confiabilidade na ciência ou na religião, não haveria essa divisão de opiniões. Deste modo, as hipóteses 2a e 2b, que apontam estratégias para a solução do conflito entre ciência e religião seriam, pelo menos em parte, confirmadas: foram encontrados PGs em CR com alto grau de centralidade da religiosidade cujas respostas indicam a ideia de submissão “do sistema simbólico científico aos interesses do seu campo simbólico religioso de referência, com a pretensão de que a ciência sirva à legitimação de crenças religiosas”; e PGs em CR com maior grau de crença na ciência que assumem a ideia de “redução do fenômeno religioso ou do sistema simbólico religioso a explicações científicas da religião, utilizando a ciência como instrumento de ‘higienização’ para desmistificação de crenças religiosas ou de cunho transcendental ou sobrenaturalista” – com a ressalva de que talvez a palavra “higienização” seja forte demais no que diz respeito aos achados. No entanto, essas são posturas extremas, que não podem ser generalizadas a partir dos dados obtidos. Vale lembrar que a aversão à religião (pessoal ou institucional) e a depreciação da religião enquanto desprovida de fundamentação racional são apontadas como motivadoras da realização de estudos acadêmicos em CR apenas por uma parte muito pequena dos participantes.

Um ponto importante a ser observado é o fato de que as questões apresentadas aos participantes são, em sua grande maioria, de tipo Likert, ou seja, apresentam possibilidade de graduação das respostas. A escala Likert de seis níveis apresenta uma zona intermediária entre *discordar levemente* e *concordar levemente* e entre *não corresponde em quase nada* e *corresponde até certo ponto* que apontam apenas tendências à *concordância* ou à *discordância*, à *correspondência* ou à *não correspondência* dos itens investigados. Debruçar-se sobre essas pontuações poderia evidenciar nuances diferentes para os resultados encontrados. Essa reflexão se deu na finalização da análise dos resultados obtidos

e a investigação desses aspectos será realizada em futuras análises. Casos específicos mesclam-se no estudo quantitativo e perde-se de vista suas particularidades nos achados mais gerais. Esta é uma das limitações desse tipo de estudo. No entanto, as tendências encontradas servem de incentivo para a continuidade e aprofundamento na temática estudada e de aprimoramento das análises.

É importante considerar que, devido à grande quantidade de dados coletados e analisados, algumas correlações estatísticas significativas talvez possam ter ocorrido por um mero acaso. Além das escalas (CRS e BSS), o instrumento utilizado traz uma série de questões “originais”, algumas das quais com respostas de tipo Likert. Não se pretendeu realizar uma análise fatorial dessas questões, o que possibilitaria, em tese, encontrar uma resposta central para todas elas, porque, se assim fosse feito, se perderia o detalhamento dos dados obtidos. As várias perguntas foram analisadas em separado para privilegiar a riqueza dos resultados, considerando-se ser este um estudo de caráter mais exploratório, no qual se pretendeu verificar tendências e padrões do conjunto de PGs participantes e que futuramente poderão ser investigados em outras pesquisas com ampliação do N.

## *Estudo 2*

No Estudo 2, de caráter qualitativo, pretendeu-se dar voz aos participantes da pesquisa de forma a confrontar ou complementar, pelo menos em certa medida, os resultados obtidos no estudo quantitativo, mais “impessoal”. As entrevistas permitiram aprofundar o *locus* ocupado pela ciência e pela religião enquanto objetos psíquicos do espaço de vida dos PGs em CR. Observou-se sua permeabilidade (firmeza ou fraqueza de suas delimitações), proximidade e afastamento, fluidez e rigidez (susceptibilidade a influências) e como se reorientam em função de uma totalidade significativa, uma vez que a comunicação e a locomoção (influência mútua) entre as regiões podem produzir diferentes efeitos, dentre eles a reestruturação do espaço vital que, não sendo estático, pode ampliar-se ou restringir-se. Especial atenção foi dada a como essa movimentação no espaço de vida dos PGs influencia sua visão de ciência e de religião e sua proposta e propósito de pesquisa acadêmica em CR, considerando-se também a relação entre pessoas e grupo(s) de referência. Esse tipo de grupo coincide “necessariamente com grupo de pertença, e tem duas funções essenciais: a normativa, relacionada a valores, e a comparativa, de critério de realidade” (Paiva, 2000, p. 25).

Especialmente por abordar questões relacionadas à história de vida, as entrevistas assumiram um tom muito pessoal, o que dificulta uma síntese dos resultados. Foi feito, no entanto, um esforço para encontrar as referidas tendências, convergências e discordâncias, sem perder de vista o risco da incompletude que correm todos os arranjos esquemáticos ou organizativos. A síntese conclusiva apresentada a seguir, longe de ser uma resposta fechada para as perguntas que orientaram o estudo realizado, trata de nuances detectadas na investigação qualitativa, por vezes apenas sugeridas pelo estudo quantitativo (Estudo 1) ou, por outro lado, que lhe tenham escapado, dadas as limitações daquele método.

Como subgrupo derivado do conjunto de participantes do Estudo 1, os entrevistados mostraram-se majoritariamente como religiosos, ratificando a hipótese 1. Do ponto de vista da evolução do contato com a religião, a maioria dos entrevistados vivenciou

mudanças na adesão ou postura religiosa (cf. Quadro 4). Essas mudanças tiveram motivações diversas: descontentamento com o sistema religioso de origem (P5, P16, P19)<sup>5</sup>; interesse por conhecer novas religiões ou diferentes tipos de crenças (P11, P16); assunção de uma identidade cultural (P12); influência de amigos (P2, P19), cônjuges (P7) ou namorada (P15, P19); busca de acolhimento e fortalecimento em momentos de crise (P2, P3, P10, P13, P14); busca de apoio/incentivo motivacional para os estudos (P19); reflexões a partir de estudos realizados em CR (P5, P16); contato com sistemas religiosos via estudos acadêmicos (P15); experiências anômalas/religiosas intensas (P2, P3, P14, P20); e conveniência social (P20).

#### Quadro 4: Evolução da adesão/postura religiosa dos entrevistados

Participante	Evolução da adesão/postura religiosa
P1	Catolicismo
P2	Catolicismo → Espiritismo → Igreja Batista
P3	Catolicismo
P4	Assembleia de Deus → Igreja Congregacional → afastamento → Assembleia de Deus
P5	Catolicismo → sem adesão religiosa (com simpatia pelo Budismo “como espiritualidade”)
P6	Assembleia de Deus
P7	Espiritismo Kardecista → Umbanda Esotérica → Catolicismo
P8	Igreja Presbiteriana
P9	Catolicismo
P10	Catolicismo (por contexto escolar) → Igreja Messiânica
P11	Catolicismo → Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias → Catolicismo
P12	Catolicismo/Espiritismo → Ifismo
P13	Catolicismo
P14	Catolicismo → Teosofia, Ocultismo, Esoterismo, Nova Era → Catolicismo
P15	Catolicismo “espiritualista” → Ateísmo → Espiritismo Kardecista → Umbanda
P16	Catolicismo → Wicca → sistemas diversos → sem adesão específica
P17	Católica
P18	Espírita
P19	Igreja Pentecostal → Budismo → Catolicismo
P20	Igreja Batista → Igreja Presbiteriana

5 Para manutenção do sigilo quanto à identidade dos entrevistados, estes foram referidos no estudo como P (participante) e um número, de acordo com a ordem de realização das pesquisas.

Verificou-se, em termos gerais, que a hipótese 2 (“A escolha de desenvolver um projeto de pesquisa em CR consistiria numa tentativa pessoal de solução para a difundida e amplamente compartilhada visão de conflito entre ciência e religião orientada pela atitude religiosa individual – que inclui comportamento religioso e a-religioso – que pode seguir um de dois caminhos...”) se confirmou apenas parcialmente. Os entrevistados, em sua maioria, afirmam uma diferenciação entre ciência e religião e desenvolvem um discurso quase consensual que articula algum tipo de complementaridade entre ambas, desde que a religião não seja considerada no âmbito institucional e esteja mais relacionada à dimensão religiosa propriamente dita. Nesse sentido, há uma perspectiva de coexistência harmoniosa, o que invalidaria a hipótese de busca pelo programa de CR para solução de conflito, pois este não existiria – o que combina com o resultado encontrado no Estudo 1. No entanto, em falas que abordam aspectos relacionados especialmente à história pessoal de contato com a religião e a ciência tratados no 3º e no 4º Eixo da entrevista, respectivamente, transparece em alguma medida um desejo ou expectativa de conciliação ou de sobreposição de uma em relação à outra que revela certa tensão que, em certos casos é, de fato, vivenciada como conflito.

De diferentes modos os projetos de pesquisa comentados pelos PGs entrevistados visam à discussão de aspectos da religião (históricos, filosóficos, doutrinários e sociais) ou da dimensão religiosa que carecem de um olhar mais atento da academia, sendo rechaçados em alguns nichos acadêmicos. Observa-se a tendência a uma busca de reconhecimento de temas e objetos por vezes negligenciados que é orientada principalmente, mas não exclusivamente, pela perspectiva religiosa dos PGs. Esse movimento, no entanto, não se dá apenas em direção à valoração positiva de aspectos religiosos, mas em alguns casos, à discussão e reconhecimento de diferentes possibilidades de leituras da realidade, não exclusivamente de um ponto de vista religioso, mas de vários pontos de vista religiosos, como também não religiosos. A partir dos relatos colhidos, essas novas possibilidades preservam a dimensão religiosa como algo que suplanta o aspecto religioso institucionalizado e que merece atenção e respeito por ser constitutiva da subjetividade humana. Os PGs reconhecem os programas de pós-graduação em CR como *locus* privilegiado para trabalhar essas questões, apesar de serem programas pouco conhecidos e de terem sido muitas vezes encontrados pelos entrevistados de maneira fortuita. Nesse sentido, o principal vetor de atração para a chegada ao programa foi, de fato, a religião, enquanto objeto de estudo respaldado pelas crenças pessoais dos PGs.

Apenas em alguns casos a hipótese 2 se confirmaria no que diz respeito aos objetivos dos respectivos projetos de pesquisa: P14, que apontou explicitamente que “religião é ciência” e que a ciência deveria se abrir ao transcendente sem preconceitos, e cujo projeto de pesquisa segue essa proposição; e P12, que trabalha questões culturais e de sua ancestralidade e defende a validação de seu sistema religioso como digno de respeito e como repositório de importante conhecimento. Não de modo explícito, a fala de P9 também possibilita pensar nessa direção, uma vez que ao tratar da importância da dimensão religiosa – aspecto que trabalha em seu projeto de pesquisa – sugere a assunção do transcendente subjacente à dimensão religiosa como realidade a ser ofertada na prática do Ensino Religioso em contraposição ao que chama de *secura* da CR, que supostamente suprime ou sufoca o contato com o sagrado. E, ainda, apesar de

P10 se referir à ciência como a instância que comprovaria milagres e a religião como a instância que os explicaria, não fica evidenciado que seu projeto de pesquisa siga a linha proselitista ou coisa que o valha.

Por outro lado, nenhum dos PGs entrevistados – nem mesmo os que se autodeclararam sem religião específica – deixou transparecer que teria como objetivo reduzir a religião ou a experiência ou fenômeno religioso a explicações científicas, muito menos utilizar a ciência como instrumento de “higienização” para desmistificar crenças religiosas ou de cunho transcendental ou sobrenaturalista. Portanto, a hipótese 2 não se confirmou nem para o item (2a) nem para o item (2b).

Apesar de cognitivamente os entrevistados em geral demonstrarem plena consciência das delimitações entre ciência e religião – delimitação esta principalmente aprendida no decorrer do mestrado e/ou doutorado em CR – é possível perceber uma tensão na relação entre essas duas regiões de seu espaço vital, tensão essa que por vezes assume, de fato, um status de conflito quando há incompatibilidade entre afeto e racionalidade, como no caso mais explícito de P5:

P5: Nesse caso... [gagueja, titubeia] Embora a formação, a base acadêmica... Mas considero que ainda é a espiritualidade. Outra questão que me incomoda e que inquieta bastante é justamente essa: diante de certas dificuldades que eu enfrentei, eu ainda considero que o meu suporte ainda são esses espectros. E isso me incomoda justamente porque não consigo, no final das contas, me desvencilhar. (...) Embora eu tenha um discurso dessa forma [ateísta], eu me pronuncio dessa forma, mas no fundo eu sinto que as coisas acontecem ou... Ou, no meu interior, não seriam desse jeito. Então eu me refugio, assim, na espiritualidade, às vezes justamente questionando a existência de um ser superior, as razões de certas coisas acontecerem de uma forma e não outra.

A complementariedade entre ciência e religião parece mais um desejo do que realidade. A fala dos entrevistados denota um esforço no sentido de ressaltar que especialmente a religiosidade e a dimensão religiosa são importantes, têm utilidade, têm facetas diferentes e devem ser consideradas como parte constitutiva da subjetividade e do cotidiano, apesar de todos os senões que o desvelamento dos fenômenos religiosos proporcionado pelo estudo científico das religiões revela. Dessa forma, evidencia-se uma reivindicação de que não se olhe para aspectos religiosos de modo preconceituoso, ainda que haja ressalvas quanto a certas práticas e crenças. A religião como instituição, por outro lado, não é tão valorizada, tendo sido criticada e considerada como vetor de repulsa. O aspecto pessoal de relacionamento com a religião ou com a dimensão religiosa é o que mais se sobressai com nuances diferentes observadas em contextos e histórias diferentes vivenciados pelos entrevistados. Há um afastamento psicológico da religião como instituição, mas, por outro lado, há uma busca ou manutenção de adesão religiosa pela maioria, talvez – e isto foi mencionado de certo modo por alguns – devido ao sentimento de pertença que a adesão permite vivenciar, se não por uma adesão formal, por uma adesão afetiva principalmente calcada nas lembranças de vivências em família e/ou por vezes multifacetada, refletida em práticas culturais diversas, como no caso de P16:

P16: [riso] É uma pergunta que eu também sempre me faço... [riso] porque eu sou muito cética em relação a algumas coisas. Então eu procuro mais do lado da ciência, mesmo, acadêmico, verifico exames e tudo mais. Mas parece que existem coisas que



a ciência não corresponde, e mesmo que o meu ceticismo possa bater de frente com a minha crença popular, eu sempre vou dar um jeito de pensar em alguma coisa do imaginário social. Sempre eu vou pensar “será que não foi algum ente, alguma... sei lá... alguma coisa” e fica aquela eterna briga entre o meu lado científico, da academia, e o meu lado cultural. Acho que tá muito relacionado ao meu contexto... Então eu sempre penso nisso, por mais que eu vá pro lado científico... [risos] Vamos ali na missa dar uma rezadinha, vamos ali ver o que os Orixás têm pra falar...

Isso combina com o fato de, nas entrevistas, ser ressaltada principalmente a importância das raízes familiares, do aspecto comunitário, da busca e necessidade de inserção e apoio social e como isto é considerado marcante na trajetória de vida. Esse aspecto é saliente não apenas no âmbito religioso, mas também no âmbito científico por meio do acolhimento e incentivo recebidos nos contextos escolares/acadêmicos e da possibilidade de subsistência e de ascensão social por meio do estudo ou, em última instância, da ciência. Nesse sentido, o estudo qualitativo (Estudo 2) permitiu aprofundar, de fato, o que timidamente foi investigado no estudo quantitativo (Estudo 1) em relação à influência que a família dos entrevistados teve/tem em sua visão atual ou atitude frente à ciência e à religião.

Aparentemente, o contato com o campo da CR estabeleceu uma diferenciação (resolução de algum possível conflito) que a maioria dos PGs entrevistados apontou como extremamente clara e internalizada: o que é da religião é da religião e o que é da ciência é da ciência, estabelecendo, assim, dois campos distintos, dois elementos separados que interagiam, mas sem grande permeabilidade. No entanto, a reflexão a respeito da vida do dia a dia com as dificuldades fez/faz emergir pontos de tensão ou de complementaridade entre essas duas esferas que parecem tão bem diferenciadas em teoria, mas são tão permeáveis ou interconectadas na prática. Reitera-se que, apesar do discurso quase consensual de separação e de complementaridade entre ciência e religião, em falas a respeito de aspectos relacionados especialmente à história pessoal de contato com a ciência e a religião, transparece, por vezes, em alguma medida, um desejo ou perspectiva de sobreposição de uma em relação à outra.

Quanto às propostas de pesquisa desenvolvidas pelos entrevistados no contexto dos programas de pós-graduação em CR, suas falas sugerem uma dinâmica psicológica de afastamento ou de aproximação em relação à religião (ou dimensão religiosa) que depende do posicionamento da ciência quando ela assume o papel de principal elemento de atração ou de repulsa no contexto de pertença a um programa de CR. Se, por um lado, o atrativo principal para a chegada ao programa foi a religião, como mencionado, por outro lado, para a permanência e conclusão do curso de pós-graduação, o “atrator” passa a ser forçosamente a ciência, na demanda de uma visão clara de separação entre ciência e religião que artificializa a ideia de sua complementariedade e descarta sua sobreposição. É desejável, do ponto de vista acadêmico, que se pense assim e é do senso comum que se tenha essa ideia de incompatibilidade, distanciamento ou conflito entre ciência e religião. Apesar de alguns entrevistados parecerem lidar, de fato, com essas duas regiões de seu espaço de vida de modo paralelo e complementar com certa tranquilidade, há outros que transparecem a tensão mencionada – o que fica evidenciado especialmente nas falas que apontam de forma explícita que certos assuntos e temas são evitados para não suscitar ou fomentar conflitos, tanto na academia quanto no âmbito

familiar. Ainda assim, aparentemente, em especial por parte daqueles que buscam de fato a CR – e a posteriori, por outros que mesmo tendo encontrado a CR fortuitamente, aí permanecem – a CR oferece a possibilidade de conciliação entre ciência e religião, de harmonização e coexistência no espaço de vida (no sentido de imprimir uma organização que traga segurança), ainda que seja na direção de terem preservados seus contornos e ocupar regiões importantes e paralelas, alternando-se em maior ou menor evidência, com valências positivas e negativas a depender das intercorrências cotidianas.

Vale observar que um dos moduladores das valências positiva ou negativa da ciência no espaço de vida de cada entrevistado pode estar relacionado às diferentes perspectivas adotadas pelos diferentes programas de pós-graduação em CR, uns estando mais próximos à religião, outros mais próximos à ciência. Apesar de não ter sido objetivo desta pesquisa comparar perspectivas diferentes entre programas, esse é um fato que deve ser ao menos mencionado, pois pode constituir um tipo de atrativo para a escolha ou adesão ao campo da CR.

Na discussão dos resultados deste estudo especificamente, a ideia da percepção pelos PGs de uma possibilidade conciliadora ofertada pela CR – que se configura como um novo grupo de referência, considerando-se o contexto do programa de pós-graduação – se baseia no exame minucioso dos projetos de pesquisa desenvolvidos. Preservando o sigilo da identidade dos PGs entrevistados e num esforço de agrupamento dos temas em categorias, sem deixar de reconhecer a riqueza e complexidade de cada uma das pesquisas realizadas, pode-se dizer, grosso modo, que os projetos desenvolvidos pelos entrevistados estão relacionados a:

- Dimensão religiosa e Educação
- Estudo comparado de religiões
- Estudo empírico da experiência religiosa ou mística
- Sociedade/ação social e comportamento religioso ou antirreligioso
- Questões bíblicas ou doutrinárias
- Fatos/documentos históricos e religião
- Escritos literários e religião
- Identidade cultural/religiosa
- Questões filosóficas e religião

Com poucas exceções, os projetos encontram íntima ligação explícita ou simbólica com o histórico de vida dos entrevistados, se não pelo tema em si, pela similaridade com algum elemento de sua trajetória de vida, o que muitas vezes não é conscientemente percebido pelos PGs. Suas escolhas parecem ser mediadas por aquilo que neles “sente” – parafraseando Fernando Pessoa: “aquilo que em mim sente está pensando”. Em vários momentos transparece nos entrevistados a dor de pensar, de adquirir “lucidez científica” sobre as coisas, a religião e a vida, mas uma dor mesclada com a alegria das conquistas escolares/acadêmicas, que muitas vezes vêm acrescidas da melhoria das condições de vida. Nas falas dos entrevistados paira, em alguma medida, um conflito entre o sentir e o pensar. Os PGs em CR pensam academicamente o que sentem, esforçando-se para, ao pensar, não perderem sua dimensão de sentir. Ou para lidar com a angústia de não conseguir se desvencilhar de sentimentos, crenças ou comportamentos que se contrapõem à racionalização das coisas e do *modus operandi* do mundo, como

no caso de P5, por exemplo, cuja angústia é ampliada pelos atritos com a família em relação à discordância de visões de mundo e de posicionamento religioso. Nesse sentido, o conflito ultrapassa o limite intrapessoal, transbordando para o interpessoal, fato que é vivenciado não apenas por P5, mas por outros entrevistados que, apesar de religiosos, também enfrentam conflitos de ideias e visões de mundo até mesmo com pessoas pertencentes ao mesmo universo religioso, mas que não compartilham do ou que rechaçam o conhecimento científico adquirido pelo PG.

Considerando essas reflexões, pode-se dizer que os PGs em CR, diferentemente de outros cientistas sem conflito entre ciência e religião<sup>6</sup> – como aqueles investigados por Paiva, cujas áreas acadêmicas (Física, Biologia e História) estão mais distantes ou apartadas da religião – se veem obrigatoriamente confrontados com a religião enquanto objeto de seus estudos acadêmicos ao mesmo tempo em que ela perpassa outros campos de seu espaço de vida. Cria-se, desse modo, uma tensão entre forças – “exigências acadêmico-científicas *versus* aspectos religiosos constituintes da subjetividade” – que propicia a vivência de algum conflito, ainda que do ponto de vista cognitivo não se admita a existência de conflito entre ciência e religião, sendo elas consideradas, de um modo ideal, como campos delimitados. O pendor para um ou outro lado será determinado pelo contexto: “a força de um vetor está relacionada com a força da valência (valor), com a distância psicológica entre pessoa e valência e com a potência relativa de outras valências” (Hall e Lindzey, 1971 apud Ribeiro, 1985, p. 106).

Ao final da entrevista, foi aberta a possibilidade de os PGs entrevistados acrescentarem algo que julgassem importante em relação ao tema tratado e que porventura talvez não tivesse sido perguntado. O objetivo desse item de finalização foi o de verificar se haveria aspectos que se destacariam no universo do tema da entrevista e que, por chamarem maior atenção, se apresentariam na finalização da conversa, caso não tivessem sido mencionados ou merecessem ser ressaltados. Dentre os que fizeram uso dessa oportunidade, houve os que reforçaram algum aspecto já comentado no decorrer da conversa e outros comentaram a respeito da proposta desta pesquisa e de sua participação como sujeito no estudo. P11 ressaltou a importância de encontrar modos de aplicação prática da CR especialmente no âmbito social, sem se ater apenas à esfera teórica, e sem deixar de reconhecer sua importância. Projetos que lidam com aspectos religiosos (dimensão religiosa, instituições e inserção social) podem resultar numa contribuição socialmente significativa. E assim, mais uma vez, a questão social foi posta em relevo, convergindo também para uma grande preocupação com a questão profissional dos egressos dos programas de CR relacionada às possibilidades de trabalhos remunerados relativos à CR que garantiriam a sobrevivência cotidiana.

Chamou a atenção o fato de entrevistados terem se mostrado agradecidos por ter tido a oportunidade de falar a respeito de seus projetos, suas motivações e história pessoal. Talvez isso reflita o aspecto multifacetado do campo de estudo que abarca tantos diferentes recortes, matizes, pontos de vista e objetos que, se por um lado isto

---

6 Paiva encontrou diferentes posturas dos cientistas das áreas de Física, Biologia e História frente às interpelações da religião que o levaram à conclusão geral de que seus entrevistados “não são exemplos de dilatação conflitiva entre ciência e religião” (Paiva, 2000, p. 127).

se apresenta como um fator de aproximação à área (no encontro de guarida para as mais diversas pretensões de estudo e de abordagem de temas), por outro pode ser fator de afastamento entre os elementos atuantes no campo de estudo, de certa forma, uma vez que há certa falta de espaço para o diálogo sobre os questionamentos e ideias que teriam conduzido à CR. Na suposta *secura acadêmica* – para usar um termo colocado por P9 – parece faltar espaço para reflexão e discussões sobre motivações pessoais dos próprios PGs de modo a clarear atitudes, escolhas e vieses analíticos, numa preocupação constante de adequação à área. Um exemplo ilustrativo é o de P4, que agradeceu a oportunidade de colaborar com o estudo e desculpou-se caso não tivesse correspondido à minha expectativa como pesquisadora. Outras falas que ilustram esses pontos são:

P3: Eu que agradeço a oportunidade de encontrar alguém para ouvir. Porque às vezes a gente conversa com os colegas e tal, mas cada um tem sua linha de pensamento. Mas de poder falar... É a primeira vez que eu falo assim, viu?! [riso] Me senti à vontade de poder falar dessa forma.

P5: Eu que agradeço. Eu considero difícil e até um pouco nebuloso falar de certas questões que eu confesso que antes eu não havia pensado. E às vezes dá medo... Um medo que perpassa essas questões. Então eu agradeço a oportunidade. Eu acredito que no momento, hoje no doutorado, eu precisava falar um pouco isso, já que eu vinha enfrentando, já enfrentei muitos conflitos em relação a essas questões. Então eu que agradeço a oportunidade.

Nesse sentido, foi constatada a importância da oferta de apoio psicológico aos entrevistados indicada no TCLE, pois alguns, de fato, ficaram bastante “mexidos” ao recordar situações e rever sua trajetória de vida.

Ainda na contramão do que P9 aponta como *secura* da CR que embotaria a dimensão religiosa, P16 finalizou sua entrevista destacando a relevância da ciência para o desvelamento do mundo e a libertação de estereótipos, preconceitos e limitações impostas por uma visão de mundo moralista e normativa. É interessante que, ao ressaltar esse aspecto, P16 diz ter se aberto mais à dimensão e ao trânsito religioso, sem aderir a uma religião específica.

Outro aspecto enfatizado diz respeito à participação na pesquisa: foi considerada como oportunidade de colaborar para esclarecer a respeito da área da CR que ainda não é muito conhecida – o que ficou evidente nos relatos de chegada fortuita ao curso ou programa de CR – e dar a conhecer e valorizar diferentes pontos de vista coexistentes nesse campo de estudo que abriga diversas perspectivas:

P6: É uma pesquisa muito interessante... (...) Uma perspectiva que pouco tem sido explorada e eu acho que a divulgação dela que eu acho que você vai fazer, vai ajudar muito na própria constituição da nossa área, na área da CR, pra pessoa até saber o que é que a gente faz, né. Senão as pessoas acham que a gente tá aqui só pra falar mal da religião dos outros, né.

A composição multifacetada do campo parece causar alguma tensão na medida em que falta certo respaldo de segurança para a abordagem de temas e conceitos. Alguns participantes titubearam na exposição de seus pontos de vista acerca de ciência e de religião – especialmente, de ciência – por ter ficado em dúvida sobre a dimensão abarcada

por esse conceito que estaria sendo abordada para esta pesquisa, como salientou P9 ao final da entrevista:

P9: Talvez você pudesse ter começado por definir exatamente assim, na CR. Quando a gente fala ciência, do que a gente está falando? O que a gente quer dizer mesmo com isso? Quando a gente fala da religião, o que a gente quer dizer mesmo com isso? E quando a gente fala CR... tem gente que fala Ciência da Religião, Ciências da Religião, Ciências das Religiões... aquela velha história, né. O que mesmo, em primeiro lugar, você está querendo dizer? Porque quando você pergunta o que eu penso disso, acho que clareava bastante o caminho. Porque eu tô falando CR da minha forma de pensar. Eu penso da seguinte forma: São várias ciências. Como eu citei antes (Psicologia da Religião, História da Religião...), todas essas ciências que trabalham o fator religião, a questão da institucionalização de um grupo que tem religião, que cumpre dogmas... E, pra mim, no meu caso que trabalho com criança, eu vejo bem CR maravilhosamente oportuna pra atualizar na contemporaneidade, porém nós não podemos esquecer a dimensão religiosa.

A fala de P9 evidencia também uma perspectiva que pairou, via de regra, pelas entrevistas: a visão da CR como um campo interdisciplinar, no qual diversas disciplinas contribuem para abordagens múltiplas da religião – termo também polissêmico dentro do campo. Essa perspectiva interdisciplinar parece ser um atrativo para a busca ou chegada aos programas de CR, pois os PGs parecem entender a CR como fator agregador do campo e não como um núcleo epistemológico específico (uma ciência unificada). E por ser multifacetado nesse sentido, é que parece haver uma sensação de acolhimento de ideias, inquietações e projetos – ainda que vários passem por adequações à área. Foi salientada ainda a possibilidade que o campo da CR proporciona de normalização de objetos e temas julgados por vezes como inapropriados para o estudo na academia, especialmente quando atrelados a fortes experiências pessoais (visões, alucinações, precog-nição, experiências mediúnicas, testemunhar curas anômalas, manifestações do espírito santo, viagens astrais...) que são facilmente alvo de interpretações psicopatologizantes, como nos casos de P12 e P14. Ainda a esse respeito, P15 ressaltou a importância da reflexão acerca do papel de pesquisador *insider* e da compreensão de que “toda ciência é posicionada”. Ele resalta que é preciso cuidado ao assumir esse papel para não cair num proselitismo via pesquisa acadêmica:

P15: ...ao mesmo tempo, precisam informar os leitores daquilo que eles produzem, de qual que é a vinculação emocional, cotidiana que eles têm com o tema. Até para o leitor poder saber que existe sempre algum viés. Quando eu exponho nos textos acadêmicos a minha pertença religiosa, eu estou dando para o meu leitor a possibilidade de fazer uma leitura com um pouco mais de baliza.

Nessa mesma direção, P17 reforçou que, apesar de trabalhar para instituição religiosa, não mistura seu trabalho que é técnico com questões próprias da religião e daquela instituição, mais uma vez enfatizando a diferenciação entre a esfera religiosa e a esfera científica.

Em síntese, nos acréscimos espontâneos às entrevistas, sobressaíram os seguintes tópicos: (a) a importância da aplicabilidade dos estudos realizados em CR, especialmente no âmbito social e na prática profissional; (b) as consequências da variedade de posturas e concepções não apenas de *ciência e religião*, mas do próprio campo de estudo denominado CR; (c) a preocupação com a delimitação entre ciência e religião

que se reflete na postura assumida pelos PGs na esfera religiosa e na esfera acadêmica; (d) a necessidade e as dificuldades da assunção de postura acadêmico-científica por parte dos PGs em sua prática de pesquisa e profissional; (e) a importância do apoio social na esfera acadêmica por meio do compartilhamento de ideias e da existência de espaços de escuta de questões pessoais relacionadas à proposição e ao desenvolvimento de projetos de pesquisa na área – algo que parece crucial devido ao aspecto afetivo e religioso envolvido nas escolhas feitas nesse campo de estudo, especialmente por se tratar de questões fundamentais da constituição da subjetividade dos PGs.

## Conclusão

Os resultados do Estudo 2 são compatíveis com resultados encontrados no Estudo 1, com alguma pequena diferença no que diz respeito à postura extrema de redução do fenômeno religioso ou do sistema simbólico religioso a explicações científicas da religião. Esse tipo de postura foi detectado no estudo quantitativo, mas não no estudo qualitativo. O estudo qualitativo evidenciou nuances entre posições acerca da ciência e da religião e da relação entre ambas, bem como dos motivos que levaram os PGs à escolha de um programa de CR e de temas/objetos de pesquisa, dando conta, em certa medida, das indagações suscitadas em relação aos níveis das escalas de tipo Likert utilizadas nas questões do instrumento utilizado para coleta de dados do estudo quantitativo. É importante ressaltar, contudo, que tanto no primeiro quanto no segundo estudo os dados apresentados, bem como sua análise, refletem uma visão parcial das motivações e comportamentos de PGs em CR, posto que o número de participantes representa apenas uma fração do total de PGs existentes no país. Portanto, apesar de indicar tendências, os resultados obtidos não podem ser generalizados para absolutamente todos os PGs em CR do Brasil. Ainda assim, os estudos realizados trazem resultados que podem suscitar reflexões sobre o campo de estudo e servir de inspiração para novas pesquisas. Além disso, permitiram conhecer de modo mais aprofundado contextos, anseios, motivações e perspectivas de PGs em CR, o que pode funcionar como pistas para aprimoramento dos cursos oferecidos no que diz respeito tanto ao acolhimento de seus alunos quanto nas aproximações à ciência e à religião em seu conteúdo programático. Aliás, dada a peculiaridade dos objetos tratados e da importância que ocupam no espaço de vida (na constituição da subjetividade) dos alunos, pode-se dizer que uma coisa deveria andar sempre atrelada à outra sem que haja necessariamente perda do rigor acadêmico.

## Referências

BELZEN, Jacob A.; HOOD, Ralph W. Methodological issues in the Psychology of Religion: Toward another paradigm? *The Journal of Psychology*, v. 140, n. 1, 2006, pp. 5-28.

CRUZ, Eduardo R. *Religião e ciência*. São Paulo: Paulinas, 2014.

- ECKLUND, Elaine Howard. *Science vs. Religion: What scientists really think*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- ECKLUND, Elaine Howard; LEE, Kristen Schultz. Atheists and Agnostics Negotiate Religion and Family. *Journal for the Scientific Study of Religion*, v. 50, n. 4, 2011, pp. 728-743.
- ECKLUND, Elaine Howard; PARK, Jerry Z., Conflict Between Religion and Science Among Academic Scientists. *Journal for the Scientific Study of Religion*, v. 48, n. 2, 2009, pp. 276-292.
- ECKLUND, Elaine Howard; PARK, Jerry Z. Scientists Negotiate Boundaries Between Religion and Science. *Journal of the Scientific Study of Religion*, v. 50, n. 4, 2011, pp. 552-569.
- ECKLUND, Elaine Howard; SCHIDLE, Christopher P. *Religion vs. Science: What religious people really think*. London: Oxford University Press, 2018.
- FARIAS, Miguel; NEWHEISER, Anne-Kaisa; KAHANE, Guy; TOLEDO, Zoe de. Scientific faith: Belief in science increases in the face of stress and existential anxiety. *Journal of Experimental Social Psychology*, 49, 2013, pp. 1210-1213.
- HUBER, Stefan; HUBER, Odilo W. The Centrality of Religiosity Scale. *Religions*, 3, 2012, pp. 710-724.
- LARSON, Edward J.; WITHAM, Larry. Scientists and religion in America. *Scientific American*, v. 281, n. 3, 1999, pp. 78-83. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/26058409> Acesso em 01/02/2019.
- LARSON, Edward. J.; WITHAM, Larry. Leading scientists still reject God (Correspondence). *Nature*, v. 394, n. 6691, 1998, p. 313.
- LARSON, Edward. J.; WITHAM, Larry. Scientists are still keeping the faith. *Nature*, v. 386, n. 6624, 1997, pp. 435-436.
- LEHMAN Jr., Edward C., & SHRIVER, Donald W. Academic Discipline as Predictive of Faculty Religiosity. *Social Forces*, v. 47, n. 2, 1968, pp. 171-182.
- LEUBA, J. H. *The Belief in God and Immortality*. Boston: Sherman, French, 1916. Disponível em [http://moses.law.umn.edu/darrows/documents/Leuba\\_Belief\\_in\\_God\\_Complete.pdf](http://moses.law.umn.edu/darrows/documents/Leuba_Belief_in_God_Complete.pdf) Acesso em 04/02/2019.
- LEWIN, Kurt. *Teoria de campo em ciências sociais*. (D. Cartwright, Org.). São Paulo: Pioneira, 1965 (Original publicado em 1936).
- LEWIN, Kurt. *Princípios de psicologia topológica*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1973 (original publicado em 1935).
- MACHADO, Fatima Regina. *Relatório Final. Estágio de Pós-Doutorado PNPd Capes. PEPG Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018.*

MACHADO, Fatima Regina; TORRES, Camila Mendonça; HUANG, Mônica Frederique de Castro; ZANGARI, Wellington; MARALDI, Everton de Oliveira (manuscrito) A Ciência dos Religiosos: um estudo quantitativo. (Aguardando aceite para publicação).

PAIVA, Geraldo José de. Itinerários religiosos de acadêmicos: Um enfoque psicológico. Tese de Livre-Docência. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, 1993.

PAIVA, Geraldo José de. A Religião dos Cientistas. Uma Leitura Psicológica. São Paulo: Loyola, 2000.

PESSOA, Fernando. Inconsciência. Poema disponível em <http://multipessoa.net/labirinto/fernando-pessoa/9>. Acesso em 07/02/2019

RIBEIRO, Jorge Ponciano. Gestalt-Terapia: refazendo um caminho. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

VERGOTE, Antoine. Analyse psychologique du phénomène de l'athéisme. In: GIRARDI, Jules Collectif e SIX, Jean François. (Orgs.), L'Athéisme dans la vie et la culture contemporaines, vol. 1. Paris: Desclée, 1967, pp. 213-252.

Recebido: 13 de maio de 2019.

Aprovado: 13 de agosto de 2019.